

Clique e Assine por apenas R\$ 0,50/dia



RAPHAEL MONTES

Cultura

A força dos livros

Por que eles são tão potentes? E, para alguns, tão ameaçadores?

Por **Raphael Montes** Atualizado em 6 mar 2020, 10h57 - Publicado em 6 mar 2020, 06h00



CRIME E CASTIGO - Montes: mente afiada para criar cenas macabras na ficção, mas pavor de sangue na vida real Stefano Martini/Ed. globo/Agência O Globo

Minha vida é cercada de livros — os que li, os que escrevi, os que ainda quero escrever. Acho mágica a relação

1 conteúdo restante. **Assine agora »**
Já é assinante? [Entre aqui.](#) x

Este site utiliza cookies e tecnologias semelhantes para personalizar publicidade e recomendar conteúdo de seu interesse. Ao navegar em nosso serviço você aceita tal monitoramento. Para mais informações leia nossa Política de Privacidade

Ok, entendi

corrosivo da dúvida em uma traição, ou da culpa de um crime banal, visitamos dores inéditas, conquistamos batalhas que não são nossas, vivemos aventuras épicas, intrigas internacionais, arrebatamentos amorosos e desejos inconfessáveis. Brincam até que livro deveria ser adjetivo. Você é tão livro, a gente diria a quem nos abre horizontes, nos aconchega, provoca e faz pensar.

PUBLICIDADE

“Cada um de nós é uma obra. Quanto mais você lê, mais livre, criativo e dono de si você se torna”

Livros criam pontes. Na adolescência, frequentei um clube de leitura. Desde que publico, meus leitores são como amigos e me levam a muitos lugares. No lançamento de meu romance de estreia, *Suicidas*, a editora fez minicadernos apenas com o prólogo para distribuição gratuita. Naquela época, voltando para casa, encontrei um morador de rua lendo o tal minicaderno. Não resisti e me aproximei. “Você gosta de ler?”, perguntei. Meio desconfiado, ele disse que gostava e reclamou: “Mas este aqui não vem completo. Já li e reli”. Minutos depois, voltei à esquina com um exemplar debaixo do braço, contei que era o autor e entreguei a ele. “Nunca havia ganho um livro de presente”, ele disse, emocionado. Na hora de fazer a dedicatória, perguntei seu nome. A resposta veio com orgulho: “Piolho. Coloca aí que é ‘pro’ Piolho”. Nunca me esqueci daquela noite.

Com frequência, eu me pego pensando na potência dos livros, das histórias que lemos e contamos uns aos outros. Mais um episódio me ocorre: em uma palestra para alunos de 7, 8 anos em uma escola pública, uma menina na última fileira ergueu a mão e me perguntou com desdém inocente: “Vem cá, deixa ver se eu entendi... Você ganha a vida inventando historinhas que saem da sua cabeça?”. Fiquei desarmado. Era simples, mas tão preciso!

É este o ofício do escritor: inventar histórias. Digo mais, é este o ofício do ser humano. Se pensarmos bem, todos nós contamos histórias. Reunimos amigos e contamos histórias. Da família, contamos histórias. Fazemos uma vida contando histórias. Inventamos a todo tempo nossa própria história. No ótimo livro *A Louca da Casa*, a autora Rosa Montero escreve: “Os seres humanos são, acima de tudo, romancistas, autores de um romance único cuja escrita dura toda a existência e no qual assumimos o papel de protagonistas”. Penso que é essa a resposta às perguntas lá de cima: cada um de nós é um livro. Um livro escrito em tempo real, em diálogo com outros. Quanto mais você lê, mais livre, criativo e dono de si você se torna. Aí está a potência que amedronta alguns. Seja um rebelde: dê livros de presente. E leia. Leia muito.

1 conteúdo restante. [Assine agora »](#)
 Já é assinante? [Entre aqui.](#) x